

RUBEM BRAGA

FLAMENGO, ETC.

SERIA hipócrita não dizer antes de tudo o que na noite de ontem foi tudo: a grande, a bela, a consoladora vitória do Flamengo. Sempre errado, eu não fui ao jogo; passei o dia fazendo isso e mais aquilo, e quando reparei já era tarde e eu não tinha entrada nem condução de amigo. Sai sozinho a pé pelas ruas de Ipanema. Não havia um rádio que não estivesse ligado para o Maracanã. E quando o primeiro «gooooooooo» entrou, aquilo foi um eco múltiplo vindo das casas, baixando dos edifícios, na rua, na transversal, na esquina, atrás, à frente. Quando veio o segundo, eu já estava no Posto 6 e houve uma pequena festa dentro de um café. Quando veio o último e depois acabou o jogo, então eu já estava no Posto 3, e as ruas, os bares, os prédios explodiram em gritos de alegria, a gente se abraçava, a gente sentia que naquele mesmo instante o Brasil inteiro estava assim, se abraçando, gritando, rindo, feliz, porque o Flamengo venceu.

Foi, sem dúvida, até agora, o acontecimento mais feliz do governo Kubitschek — isso não se pode negar.

Ontem apareceu «O Semanário», dirigido por Osvaldo Costa, velho mestre de jornalismo. É impresso muito bem em papel de jornal (impresso nas «Fôlhas» de São Paulo) com verde, amarelo, vermelho e preto na fachada, uma paginação parecida com a de «Samedi-Soir», um pouco mais sóbria. Está realmente muito bom, tem reportagens e artigos sérios e vivos sobre todas as coisas do momento, e me chamou especialmente a atenção uma entrevista jato-de-água-fria do sr. Prestes Maia sobre a mudança da capital. Mudança da capital é na verdade uma coisa engraçada; a gente nasce, cresce e envelhece ouvindo falar nisso e achando que deve ser mesmo uma coisa boa, visto que estava na Constituição de 1891 e também está na última. Uma dessas providências muito boas, muito necessárias, que todos aprovam mas ninguém toma, como por exemplo eu e Vinicius de Moraes entrarmos para a Associação Cristã de Moços, toda tarde fazer ginástica rija para botar biceps e tirar barriga, quantas vezes já combinamos isso!

Acho que o sr. Juscelino sentia isso da mudança da capital como todos sentimos, e como calhou que ia ser presidente da República lhe deu na telha dizer — «pois eu vou fazer!» — bela coisa fazer o que a República está sonhando e prometendo há 65 anos.

Pois vem agora o sr. Prestes Maia, um homem alinal de contas de respeito, e dá uma entrevista horrível (e, o que é pior, convincente) dizendo que esse velho ideal é uma bobagem, não tem cabimento nenhum, não adianta nada, seria gastar uma fortuna com uma tolice. Fala em «romantismo serôdio» e outras coisas assim. Será? Convido o leitor a ler «O Semanário» e pensar na coisa; sou capaz de apostar que, tal como eu e o sr. Juscelino, nunca lhe ocorreria que isso fôsse matéria sobre a qual a gente precisasse pensar...